



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

As identidades de gênero e sexualidade no cotidiano escolar: como os jovens estudantes do ensino médio e residentes da cidade de Candeal-BA expressam sua masculinidade fora dos padrões ideológicos

Jonh Cleisson Azevedo Santos¹; João Diogenes Ferreira Dos Santos¹

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

jonhcleisson18@gmail.com

2. Orientador, Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

jdfsantos@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, Masculinidade, Educação

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a temática da sexualidade e das relações de gênero no ambiente escolar, com foco na vivência de jovens estudantes LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias) do Colégio Estadual José Rufino de Candeal-BA. A pesquisa investigou como esses estudantes expressam suas identidades de gênero e sexualidade, desafiando os padrões tradicionais de masculinidade hegemônica, buscando desvendar as experiências e os desafios enfrentados por esses estudantes no cotidiano escolar que muitas vezes é marcado pela LGBTQIAPN+fobia. Para tanto, recorreremos ao recurso metodológico da entrevista semiestruturada, entrevistamos cinco pessoas, três estudantes e dois egressos. A escola em questão está na cidade de Candeal que é um município localizado no Território de Identidade do Sisal, com uma população de 7.772 habitantes, dos quais 1.672 são jovens entre 15 e 29 anos de idade, conforme dados do IBGE de 2022 (IBGE, 2024). A cidade, situada a 175 km da capital Salvador. O presente estudo entende as diversas formas de masculinidade, especialmente a masculinidade não hegemônica e como os jovens que as expressam vivenciam opressões e violência. Utilizamos a teoria das masculinidades de Connell (1995), o trabalho explora os conceitos de masculinidades hegemônicas, cúmplices e subordinadas, destacando como homens LGBTQIAPN+ enfrentam a dominação cultural e social. A escola é vista como um espaço que reforça padrões da heteronormativa, mas também como um ambiente em que outras identidades são expressas ou desafiadas. A fundamentação teórica incluiu autores como Louro (2008), Foucault (1988), Silva e De Queiroz Silva (2019), além de Connell (1995, 2013).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Recorreremos ao recurso metodológico da entrevista semiestruturada, permitindo que os participantes compartilhassem suas experiências de forma livre, conforme proposto por Minayo (2009). O roteiro das entrevistas foi elaborado com base nos objetivos da pesquisa, focando nas vivências de jovens LGBTQIAPN+, estudante do Colégio Estadual José Rufino. Tentamos entrar em contato com a coordenação do colégio, e não obtivemos sucesso, porém conseguimos alguns contatos de discentes e egressos a partir de um aluno

da UEFS que é candealense. Essa pessoa, por meio das suas redes de contato, possibilitou que acessássemos os sujeitos desta pesquisa. Trilhando por essa estratégia metodológica, recorremos aos aplicativos *Google Meet* e *Whatsapp* para realizar as entrevistas pelo meio remoto, pois foi a única forma viável para que as entrevistas ocorressem. Entrevistamos cinco jovens estudantes. Também utilizamos dados do IBGE sobre a cidade.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A presente foi fruto de uma inquietação que surgiu no nosso último trabalho de Iniciação Científica, intitulado "Juventude e Relação de Gênero: construção da masculinidade dos estudantes do ensino médio da cidade de Candeal-BA", realizado no Colégio Estadual José Rufino. Enquanto fazíamos a pesquisa de campo, observávamos alguns estudantes que não performavam uma masculinidade socialmente aceita, em seus trejeitos e vestimentas, nos questionamos como era a vivência desses jovens no âmbito escolar. Neste caso, a investigação tentou entender como os jovens estudantes do Colégio Estadual José Rufino, que se autodeclaram como LGBTQIAPN+, expressam sua masculinidade no ambiente escolar, utilizando discursos, práticas, performances corporais e estéticas de vestimentas que fogem das normas predominantes sobre identidades de gênero e sexualidade, as quais são ideologicamente consideradas normais, universais e naturais

Seguindo por esse caminho de análise, Louro (2008) destaca o papel central da escola na construção de identidades de gênero e sexualidade. A autora argumenta que a escola funciona como uma instância social que transmite normas e valores relacionados a essas questões, tanto de forma explícita, por meio dos currículos e discussões formais, quanto de maneira dissimulada, através de interações sociais e práticas cotidianas. Assim, a escola pode tanto reforçar quanto questionar normas de gênero e sexualidade.

A masculinidade hegemônica, um conceito desenvolvido por Connell (1995), é crucial para entender a dinâmica de poder entre as masculinidades. A autora afirma que a masculinidade hegemônica é a forma dominante em uma sociedade que frequentemente marginaliza outras formas de masculinidades.

Há uma pressão para que os jovens expressem esse padrão de masculinidade vigente, forçando, assim, a se comportar da maneira socialmente aceita, no modo de andar, de se vestir, de se relacionar, de brincar, entre outros aspectos. Pressão essa que já vem desde a infância (Damatta, 1997). A escola desempenha um papel crucial na formação da identidade do indivíduo, funcionando como um espaço que constrói, reproduz e difunde diferentes formas de perceber o gênero e a sexualidade. Segundo Silva e Queiroz Silva (2019), a escola pode tanto reforçar desigualdades de gênero e sexualidade, reforçando, ideologicamente, a masculinidade hegemônica, quanto desafiar essas normas, permitindo a circulação de múltiplas expressões de feminilidades e masculinidades. Assim, a escola pode ser vista como um espaço que constrói padrões universais, como a heteronormatividade e o binarismo de gênero, mas também como um lugar que problematiza essas construções.

E a partir dessas linhas teóricas, entrevistamos discentes e egressos do Colégio Estadual José Rufino da cidade de Candeal - BA. Foram entrevistados cinco jovens, três estudantes e dois egressos. As entrevistas exploraram vivências, dificuldades relacionadas às identidades de gênero e sexualidade, a convivência com os colegas e o corpo de servidores da escola. As respostas foram diversas. Muitos relataram situações desagradáveis, incluindo homofobia velada, expressa em comentários, piadas, brincadeiras.

Os relatos dos jovens estudantes confirmam a existência de opressões e violência no ambiente escolar, em que trocas de afeto entre pessoas LGBTQIAPN+ são frequentemente reprimidas de maneira desigual em relação a casais heterossexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Ao analisar os dados das entrevistas e as observações realizadas na pesquisa anterior, afirmamos que as opressões e a violência vivenciadas pelos jovens estudantes que fogem do padrão hegemônico, sofrem no cotidiano escolar os comentários, as piadas, as brincadeiras e a disciplina. Esses jovens que expressam a masculinidade consideradas subalternas vivenciam essa situação de pressão, agressões e brincadeiras, piadas pelos colegas, pelos familiares e pelo quadro de servidores da escola.

Na sociedade, há uma série de normas e expectativas em relação à sexualidade e às identidades de gênero que são estabelecidas ideologicamente. Essas normas influenciam como as pessoas se comportam, pensam, se relacionam e expressam suas identidades de gênero e sexualidades. Por exemplo, as normas de gênero podem ditar que as mulheres devem ser mais emotivas e cuidadoras, enquanto os homens devem ser fortes e assertivos. As normas de orientação sexual podem ditar que apenas a heterossexualidade é aceitável, e que outras formas de expressão sexual são vistas como "anormais" ou "erradas".

A escola não deve simplesmente impor normas e expectativas conservadoras sobre a masculinidade, mas sim permitir que os jovens explorem e descubram sua própria identidade de gênero e sexualidade, e criar espaços seguros para convivência das diferenças, auxiliando os alunos a entenderem sobre si. Isso é importante para promover a diversidade e a inclusão na sociedade, bem como para garantir que todos os indivíduos sejam respeitados e valorizados em suas singularidades.

Já no Colégio Estadual José Rufino, o espaço estudado, os projetos que trabalhavam temas sobre gênero e sexualidade deveriam ser inseridos no currículo escolar para todos os docentes lidarem nos conteúdos programáticos, sob suas respectivas responsabilidades, com esses temas e outros temas correlatos, como o racismo.

Posto isso, podemos afirmar que os entrevistados que não seguem as normas de masculinidade hegemônica, ideologicamente inscritas como normais, universais e naturais, exercem suas masculinidades de maneiras diversas, mesmo com toda opressão que sofrem, pois eles existem e resistem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação/ Ministério da Saúde (2004). Brasil Sem Homofobia. Acesso em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Último acesso em: 08/10/2024.
- CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, 1995.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.
- DAMATTA, Roberto. Tem pente aí?. in: CALDAS, Dario. *Homens: comportamento, sexualidade, mudança*. Editora Senac, São Paulo, 1997
- FOUCAULT, M (1976a) *História da Sexualidade v. I :Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 30 de Maio de 2023.
- LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, v. 25, n. 2, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, v. 19, p. 17-23, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16ª ed. Editora Vozes. Petrópolis: 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

NOLASCO, Sócrates. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario. *Homens: comportamento, sexualidade, mudança*. Editora Senac, São Paulo, 1997.

PEREIRA, Erik Giuseppe B. et al. Meninos de verdade: discursos de masculinidades na educação física infantil. In: CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, PM. *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 212-227, 2018.

SILVA, Luciana Aparecida Siqueira; DE QUEIROZ SILVA, Elenita Pinheiro. Masculinidades no contexto escolar: como a temática é abordada em artigos publicados em dossiês de periódicos nacionais. *Diversidade e Educação*, v. 7, n. 2, p. 20-44, 2019.

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS. Como combater a LGBTfobia nas escolas. 2018. Disponível em: <https://www.ubes.org.br/2018/como-combater-a-lgbtfobia-nas-escolas/>. Acesso em: 08 out. 2024.